

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

39, Rua do Jardim do Regedor, 41

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Ch. V. Alkan (ainé) — O arco sobre as cordas — Carlos Gonçalves — Concertos — A musica na exposição de 1900 — Noticiario — Necrologia.

CH. V. ALKAN (ainé)

Este grande artista soffreu uma das maiores injustiças que existem na Historia da musica. Um dos maiores compositores para piano e completamente ignorado em vida, depois esquecido! É uma bella obra de restauração que emprehendem os conhecidos e estimados pianistas *Philipp* e *Dela-borde* coadjuvados pelo generoso Editor *Costallat*, publicando uma nova edição das melhores obras d'este colosso que é o primeiro compositor pianista que possui a França. Mas como o seu maior compositor symphonico *Berlioz*, não foi o paiz natal que o animou na sua carreira e que reconheceu o seu valor.

A vida de Alkan foi simplicissima e amargurada.

Nasceu em 1813 em Paris. Estudou no Conservatorio, obtendo (cousa estupenda) o primeiro premio de piano já aos dez annos d'edade. Devia ser um pianista formidavel, como se vê pelas difficuldades amontoadas nas suas obras e das quaes *Bülow* dizia que excedem ainda as difficuldades empregadas por *Liszt*. O que é certo é que Alkan tem uma technica sua e que seria um crime de Jeza-arte para um pianista passar ao lado de obras que lhe revelam um campo fecundo e novo de estudo.

Ainda antes dos vinte annos concorreu ao premio de Roma obtendo uma menção de honra.

Parece que nunca sahiu de Paris. Extremamente modesto, acanhado, não ousava tocar em publico (um tal artista!). Mas todas as semanas uma noite reunia os seus discipulos e amigos na Sala Erard onde *en petit comité* executava toda a musica classica, moderna e a sua. Não fazia programma. Perguntava o que desejavam ouvir e tocava immediatamente de cór o que se pe-

dia. Não precisava preparar-se, tinha tudo prompto nos dedos!

Dedicava uma admiração profunda a Bach que sabia todo de cór, não só a musica de piano, mas tambem a de orgão. Esta executava-a elle n'um Piano *à clavier de Pédales* que ainda existe (para este instrumento escreveu elle algumas das suas mais intimas e sublimes inspirações). Diz o sr. *Philipp* que quem não ouviu Alkan tocar *Pédalier* não pôde imaginar o que vale esse instrumento.

Durante toda a sua vida cultivou essas soirées particulares na Sala Erard. Uma prova da sua bella honestidade artistica e simplicidade de character é o seguinte facto que me contou uma discipula d'elle: começou uma noite tocando uma Toccata de Bach no *Pédalier*. Acabada a peça dirige-se ao auditorio, dizendo: «Esta peça não me sahiu como eu o desejava, no fim da soirée tocal-a-hei outra vez.»

Pois cousa extranha: uma actividade de tanta importancia artistica não excitou a menor attenção dos artistas em Paris. Eram na maior parte amadores, entre os quaes a classe aristocratica tambem estava representada, que formavam o auditorio de Alkan. A indiferença dos seus collegas e do seu paiz causou o mais profundo desgosto ao grande artista sequioso de sentir-se comprehendido.

A sua musica ficava enterrada nos cartões dos editores. Figure-se um artista de imaginação fogosa como a d'elle, sabendo que tinha coisas inauditas a dizer ao mundo, e escrevendo só para si, ouvindo-se só a si, creando uma grande obra após a outra e vendo-as desaparecer sem a esperança de encontrar lá fóra uma alma que sentisse com a sua, escrevendo para a immortalidade e sentindo-se morto antes de ter vivido!

Nenhum outro artista soffreu martyrio tão cruel. Mesmo *Beethoven* tinha a convicção que viria o tempo capaz de comprehender as suas revelações porque enfim, o seu nome sempre era conhecido, principes

protegiam a sua vida. Mas Alkan não tinha nome, ninguém se occupava d'elle, os seus amigos eram poucos e não eram muitos os artistas entre elles.

Em toda a parte era repellido. Concorreu para um lugar de professor no Conservatorio, mas elegeram Marmontel.

E' natural que n'estas circumstancias se tornasse de mais em mais reservado, misanthropo, excentrico, irritavel. A sua necessidade de isolamento cresceu a tal ponto que para não vêr ninguém alugou duas casas: quando morava n'uma dava o adresse da outra, de maneira que nunca o encontravam. Nem admittia um criado para o servir. Esta aberração custou-lhe a vida. Querendo tirar um objecto de um armario cahiu-lhe este em cima. O porteiro que se admirava de não o vêr descer ha dias, arrombou a porta e encontrou-o exausto, esmagado debaixo do armario. Foi em março de 1888, tinha 74 annos e meio de idade. Vida tragica — morte tragica — solitario até na ultima hora.

Tinha o espirito extremamente cultivado e universal. O sr. Philipp diz d'elle que tinha uma cabeça encyclopedica. Diremos outro tanto dos seus affectos que abrangem tudo o que a alma humana é capaz de sentir.

Era profundamente religioso com forte inclinação para o mysticismo. Tinha estudado a fundo o Talmud.

Uma discipula d'elle descreve a sua apparencia como algo de fantastico à la E. T. A. Hoffmann, chapéu enorme, gravatas collossaes, trajes que pareciam de um outro seculo. A nova edição das suas obras reproduz um medalhão que mostra uma bella, possante cabeça de velho, inclinada, como que olhando para dentro de si em profunda meditação. Faz lembrar o Jeremias de Michel-Angelo.

Mas se o seu paiz lhe foi ingrato, no estrangeiro encontrou elle a estima dos maiores artistas; basta dizer que Liszt, Rubinstein e Bülow eram seus admiradores.

*

Vejamos rapidamente a obra de Alkan.

Não escreveu muito: impressas existem 76 obras numeradas, 10 sem numero de obra e algumas transcrições, tudo para piano. Musica de camara: uma Sonata de violino, uma outra de violoncello e um Trio. Dois Concertos para piano e orchestra. Mas muitas d'estas obras contem sob uma mesma rubrica varias peças de grande extensão. Os 12 Estudos op. 39 occupam 176 paginas.

O caracter predominante da musica de

Alkan é uma paixão ardente, força herculea, sentimentos sombrios. Nas ultimas obras torna-se cada vez mais intimo, chegando a revelações mysticas da maior delicadeza. Sobresae então a sua sincera religiosidade e é agora, no periodo da resignação, que escreve os mais graciosos idyllios, de uma frescura matinal. Taes são os polos entre os quaes se move. Mas é preciso especialisar a grande verve humoristica que possui. As variações «à la vielle» («à maneira de realejo») sobre um thema do *Elixir d'amor* são uma *charge* espirituosissima, o «*Début de Quatuor*» (nos 48 *Motifs*, op. 63) apresenta em 2 paginas um desenho do «quartetto» tradicional de um relevo finissimo.

Geralmente elle indica o motivo que lhe fecundou a fantasia. Tudo o inspira. Não só estados d'alma, como: *Aime-moi!* — *Morte!* — *Prières* — *Le Preux* — *Jean qui pleure et Jean qui rit* — *Salut! cendre du pauvre*; mas tambem: ruidos como: *le vent* — *le chemin de fer*: ou scenas pittorescas entre as quaes elle emprega com frequencia as militares: *Capriccio à la soldatesca* — *Le tambour bat aux champs* — *Marches quasi di cavalleria*. Uma das suas peças mais geniaes tem por titulo: *le Festin d'Esopo*.

Em todas as suas concepções é sempre absolutamente original. Seria impossivel designar qualquer influencia, mesmo a de Bach só se releva no caracter, não no material melodico. Por vezes tem accentos que lembram Berlioz. No ultimo periodo mostra uma pureza de linhas, uma facilidade melodica como só se encontra em Mozart. Já por aqui se vê a riqueza d'este homem: a sua imaginação é inexgotavel. São «trouvailles» a cada passo.

A sua harmonisação é perfeitamente moderna, isto é, baseia-se em Bach. E' vigorosa, temeraria, logica sem atenuação, mas as suas dissonancias nunca são cacophonias. Veja-se por exemplo o *Festin d'Esopo*, ou o «*Allegretto*» dos *Chants* op. 38 (deuxième suite). Esta ultima peça é a metamorphose harmonica continua de uma nota: um esplendor de trabalho musical sem esforço algum.

O seu rhythmmo é de uma energia plastica. Nas scenas militares tem rhythmos que parecem esmagar o terreno.

Corresponde-lhe um folego extraordinario, infatigavel. Levanta pyramides collossaes e poderia ainda continuar. O desenvolvimento de uma peça é o mais natural possivel, não ha nada de reflectido, vae improvisando — e nunca lhe falha a inspiração, tudo é *sentido*. Mas o sentimento da forma é tão innato que todas as suas obras são admiraveis de equilibrio, mesmo com a sua incli-

nação para dimensões colossaes. O *Concerto em sol sustenido menor* (n.º 8 de op. 39) tem 72 paginas.

O que torna o estudo da sua musica indispensavel para o pianista é a maneira como elle trata o piano. Como Liszt elle estuda attentamente todos os effeitos sonoros do instrumento e sabe achar cousas completamente novas. A sua riqueza em figuras technicas é espantosa. O seu *doigté* merece a maxima attenção. Escreve realmente para Piano, tudo é pensado conforme a natureza do instrumento.

São interessantissimas as suas indicações para a interpretação. Não se contenta com os signaes puramente musicas *crescendo*, *accelerando*, *marcato* etc. Quer precisar o character que se deve dar á peça: por ex. no estudo *Comme le vent* (op. 39) escreve: *assotigliato* (delgado), *stacciato* (esmagado); uma marcha funebre tem a indicação: *sulla morte d'un uomo da bene*; n'uma scena de caça: *abbajante* (ladrando); no *capriccio a la soldatesca: quasi conquistadore* etc. Ha um estudo a fazer só sobre este ponto. É como se se avistasse um recanto do seu intimo.

Não é possivel dar uma idéia da sua musica com «descripções», por isso indicaremos aqui as obras que julgamos mais valiosas e que nenhum pianista devia deixar de estudar. Caracterisamos os grupos pouco mais ou menos segundo os sentimentos predominantes das obras.

Paixão, grandeza

Op. 15. *Souvenirs*: n.º 1, *Aime-moi!*, n.º 3, *Morte!*

Op. 39. Estudos: n.º 2 *En rythme molossique*, n.º 4 *Symphonia* (1.ª parte), n.º 5 *Symphonia* (2.ª parte), n.º 8 *Concerto* (1.ª parte: a peça mais difficil de Alkan), n.º 9 *Concerto* (2.ª parte), n.º 12 *Festin d'Esope*,

Op. 61. *Sonatine* (o titulo engana, a obra é em verdade uma Sonata grandiosa).

Peças intimas e religiosas

Op. 22. *Nocturne* (á italiana, mas fino).

Op. 38. *Chants* (deux suites).

Op. 45. *Salut, cendre du pauvre!* (comovente).

Op. 54. *Benedictus* (admiravel de enthusiasmo) para *Pédalier*.

Op. 63. 48 *Motifs* (pequenos esboços, calidoscopo variadissimo).

Op. 64. *Prières* para *Pédalier*, (uma das suas obras mais admiraveis, mais sentidas; um arranjo nosso para Piano a 2 mãos será brevemente publicado pela casa *Costallat*).

Op. 66. «*Grands Préludes* para *Pédalier*,

(quasi confissões; ora tragicas, ora mysticas, serenas).

Op. 72. 11 *Pièces dans le style religieux* (como a obra precedente. É ao seu isolamento cruel que devemos estas sublimes paginas do seu ultimo período. Aos 11 *Préludios* ajunta uma transcrição do *Messias* de Händel, o *Recitativo* e *Aria* com as palavras: «A tua repulsão partiu-lhe o coração, olhou em ródá de si, mas não viu ninguém que o consolasse». Que tremenda accusação!)

Peças de interesse especialmente technico

Op. 15, n.º 2 *Le Vent* (explendido estudo de escalas chromaticas. Não indicou andamento. Deve ser Allegro).

Op. 17, *Le Preux* (estudo de oitavas).

Op. 27. *Le chemin de fer* de verve extraordinaria, espirituosa imitação).

Op. 39, n.º 1. *Comme le vent*. (Como o estudo antecedente o metronomo indica um movimento tão rapido que poucos pianistas serão capazes de os executar no andamento indicado. É preciso porem lembrar que nos pianos de Erard a execução é mais facil).

Op. 76. Tres Estudos: n.º 1 para a mão esquerda só, n.º 2 para a mão direita só, (unico exemplo de uma peça para a mão direita só; uma execução perfeita d'esta peça é quasi impossivel), n.º 3 para ambas mãos em movimento igual (peça admiravel).

Peças pittorescas

Op. 37. 3 *Marchas quasi di cavalleria* (sobretudo a 1.ª).

Op. 50. *Capriccio a la soldatesca. Deux Fantasticheries*,

Peças humoristicas

Variations à la vielle.

Début de quatuor (e algumas outras da op. 63).

Bombardo — Carillon (pour clavier de Pédales à 4 pieds seulement).

Todas estas obras foram editadas pela antiga casa *Richault*, agora *Costallat*. A casa *Brandus* editou os 12 *Estudos em tons maiores* igualmente interessantissimos.

Alkan tem um grande futuro. Vamos trabalhando a preparal-o.

Weimar, 1900.

J. VIANNA DA MOTTA.

O arco sobre as cordas

O mais insignificante acto anormal, estranho ou monstruoso excita geralmente

uma curiosidade muitas vezes estúpida e quasi sempre insana. Entretanto, a natureza multiplica em torno de nós os mais admiráveis prodígios, para os quaes o habito nos torna cegos ou indifferentes.

Sem que se pense em tal, a arte deve a propria existencia a muitos d'esses prodígios. Que musico, por exemplo, ou que simples ouvinte reflecte nas maravilhas do som e procura saber a origem do seu valor expressivo?

A facilidade que a materia tem de emitir vibrações, cujo numero incrivelmente variavel constitue a altura dos sons, é já só por si um bem admiravel prodigio. Basta que o violinista, pssando uma seda do arco pela primeira corda do seu violino, assente muito ao de leve a gemma do dedo em certo ponto d'essa corda, para produzir um som harmonico que executa 8,276 vibrações por segundo. Eis-nos em presença do infinitamente pequeno que assombrava Pascal e tanto interessava Leibniz, o precursor da micrographia.

Mas não é tudo : essas vibrações communicam-se ao ar ambiente e propagam-se irradiando, quasi como o movimento que faz a superficie da agua quando sobre elle se lança uma pedra. Com a differença de que as ondas produzidas não consistem simplesmente em circulos, mas são espheras concentricas, cujo volume progressivamente augmenta realisando ao mesmo uma especie de prodigio.

Com effeito : parece que, segundo as leis da materia correspondentes á nossa maneira de as comprehendemos, deviam o tempo e o espaço impor ao movimento uma desagregação inevitavel. Ora succede porém que dois ou tres mil ouvintes d'um grande concerto sentem quasi *simultaneamente* o som harmonico em questão.

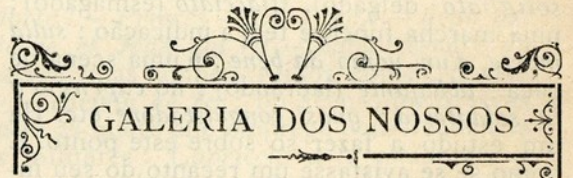
Em hypothese : supponde um ouvido collocado em cada um dos infinitos pontos d'aquellas espheras ; n'um dado momento, todos os ouvidos sentirão, com a mais rigorosa simultaneidade e em toda a sua plenitude, o som produzido, que não diminue de intensidade pelo facto de se repartir por tão grande numero de orgãos auriculares. Sim ; este som tenuissimo, infinitesimal, multiplica-se sem se dividir. Sejam quantos forem os ouvintes, mesmo em numero incalculavel, estremecerão todos *ao mesmo tempo*, tocados por essa ligeira ondulação que enche o vasto recinto : communhão maravilhosa de um movimento que não se fragmenta, mas que todo inteiro se transmite a todos e a cada por egual !

Estudemos agora o que se passa em cada ouvinte, não com respeito á altura e diffu-

são do som, mas sob o ponto de vista da sua intensidade, devida á amplidão das vibrações. Supponhamos que o arco de uma viola ataca fortemente uma corda. O som emittido abala todas as fibras do organismo. Foram só os ouvidos e o cerebro que receberam a impressão de um som vigoroso e cheio ? Não : vibrou no proprio peito, no centro intimo do nosso individuo. Os physiologistas dizem-nos que os nervos da sensibilidade e do movimento estão ligados aos da vida nutritiva por meio de outro systema de nervos intermediarios a que chamam «pequeno sympathico».

Graças á solidariedade de todos os elementos nervosos, as vibrações sonoras, que penetraram até ao pequeno sympathico espalham-se d'ali por toda a rede nevrotica.

(Continúa).



GALERIA DOS NOSSOS

Carlos Gonçalves



UM forte, de apparença franzina. E tão forte que soube começar por onde muitos acabam, isto é, com uma bella clientela de discipulos, com uma cadeira no Conservatorio e com a sympathia e a admiração de toda a gente que conhece o seu character de ouro e o seu talento to perfeitamente excepcional.

Quizera traçar-lhe a biographia .. se a soubesse. Mas não me pesa a ignorancia porque o vejo andar, sem pestanejar, n'um caminho probo, e sei que lhe vibra na alma alguma cousa de sublime e grande que tambem faz vibrar a minha.

E tanto basta para que me interesse mais o seu scopo que a sua origem.

SCHAU: ARD.

CONCERTOS

Da bella serie de Concertos com que os notaveis mestres Alexandre Rey Colaço e

D. Clara Sarti deliciaram os habitantes e frequentadores de Cascaes, só nos foi dado assistir ao ultimo, em 26 d'este mez. E o prazer que experimentamos em ouvir aquellos dois illustres professores e o talentoso amator-artista Cecil Mackee mais nos fez lastimar o não podermos ter assistido aos outros.

Rey Colaço fez-nos ouvir alguns numeros da *Kreisleriana* de Schumann, *Frühlingsrauschen* de Sinding (uma linda novidade), uma *Gavotte* de Bach, a *Marcha dos anões* de Grieg e a 2.^a *Rapsodia* de Liszt. Quem tenha ouvido uma vez Rey Colaço e tenha sentido portanto o *charme* d'aquella sua execução tão commovente e tão apaixonada, avaliará de certo como elle soube electrizar o auditorio, com aquella scintilla divina que lhe vem do coração para os dedos e do teclado para todos os que o escutam.

E não fallo já da profunda philosophia com que o seu trabalho é feito, pela sabia e ponderada adaptação do pensamento á phrase e do estylo á obra, porque a tanto não chega a intelligencia dos mediocres, que são infelizmente a maioria do seu e de todos os publicos. Contentam-se com o *frisson* que necessariamente os accommette, quando em presença d'uma esthesia rara, mas é porque esse *frisson* passageiro vae direito ao coração... sem passar pelo cerebro.

Mas voltemos ao caso. A peça de Sinding, apesar do nome um tanto bárbaro, é simplesmente uma delicia de composição e de execução, a *Marche des Nains* foi um estrondoso e justo successo para Rey Colaço, que teve de a repetir e as outras tres obras, de estylo e genero tão diversos tiveram uma interpretação que guindaria o glorioso artista ás mais altas culminancias, se elle ainda não estivesse lá, a sorrir-nos complacente.

Aperta-nos o espaço e desejaríamos dizer muito da eminente cantora que collaborou com Colaço n'este bem succedido empreendimento artistico.

Felizmente que todos conhecem Madame Sarti e a maneira inimitavel como ella diz esses gentis poematos que ao sopro inspirado da sua voz pequenina e doce tomam as côres variegadas de um kaleidoscopo gigantesco, em que todas as paixões humanas vão nitidamente desenhadas.

De Cecil Mackee, que nos brindou com a *Berceuse* de Godard e a *Polonaise* de Lauterbach, só diremos que nos commoveu sincera e profundamente na primeira, admirando na segunda os portentosos progressos

da sua technica, que dia a dia mais se accentuam.

E elle bem sabe que em nós, a commoção e a admiração já não são cousas que se malbaratem.

O eximio professor Sarti merece tambem o nosso incondicional applauso, pela perfeição dos acompanhamentos.

*

Consta nos que Rey Colaço se propõe a fazer brevemente uma *Séance-conférence* dedicada a Schumann. Será conferente, ao que parece, o sr. Capitão Campos.

E se essa audição fosse *publica* não seria um bello acto de coragem e mais um bom passo para a educação artistica do nosso povo?

*

No Club da Foz tambem se teem organizado uns interessantes concertos, em que tem tomado parte, entre outros amadores e artistas do Porto, o nosso bom amigo e distincto violinista João Pinheiro de Aragão.

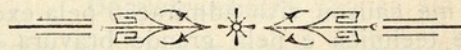
A 26 d'este mez teve logar o septimo, que parece não ser ainda o ultimo.

*

No salão da Associação Catholica do Porto realisou-se hontem um magnifico concerto de caridade, patrocinado pelo illustre prelado diocesano, o sr. D. Antonio Barroso.

Consta-nos que alem do grande violinista Moreira de Sá, acompanhado por sua interessante filha, tomou parte a illustre professora nossa conterranea, a sr.^a D. Candida Cilia de Lemos, a cujo talento no piano e no orgão já aqui tivemos occasião de render as mais justas homenagens.

Sentimos não receber a tempo o programma e outras noticias d'este concerto, para as inserirmos n'este numero.



A Musica na Exposição de 1900

(Impressões pessoais)

De todas as Artes bellas é com certeza a Musica que requer maior contenção e calma de espirito, para poder ser devidamente comprehendida e saboreada em todos os seus detalhes. Assim é que em Paris, n'um momento de febre escaldante em que acodem de toda a parte do mundo multidões com tão desencontradas preferencias e com vistas tão contrarias, é impossivel manter um estado d'alma favoravel ás manifestações de Arte pura e sã, que nos tenha por algumas horas o espirito suspenso na dôce con-

templação das cousas idealmente bellas que a Musica nos sabe dizer.

Sim, a Musica havia de necessariamente soffrer a influencia d'aquelle meio de vertigem, que é, para muitos, a melhor attracção da grande cidade, na presente conjunctura.

Não para mim, que detesto a balburdia e fujo da desordem. .

Mas tenho como ponto assente que, em circumstancias normaes, eu não teria a lastimar certas desillusões artisticas que só quero attribuir á manifesta desorientação dos espiritos ainda os mais cultos, n'um momento excepcional de demasiada preocupação.

Foi assim que logo nos primeiros dias da minha curta permanencia aqui, eu tive um concerto official (!) de musica de camara que me poz logo n'uma disposição atroz.

Poupar-lhes-hei a descripção do programma, para lhes dizer simplesmente que no nosso insignificante meio artistico de Lisboa, um tal concerto, pela execução e pela escolha, seria severamente apreciado por todo o publico e talvez mesmo ridicularizado.

Poucos dias depois, a 5 d'este mez, outro concerto intimo, e este no Campo de Marte. E a proposito lhes direi que foi n'essa bella sala do Campo de Marte, cuja construcção se deve aos esforços do meu illustre amigo Gustave Lyon, presidente do jury da classe 17, que eu vi pela primeira vez applicado, com plena vantagem para as condições acusticas, um systema que ha uns bons 20 annos se descobriu, creio eu, em Inglaterra e que consiste simplesmente na collocação junto ao tecto da sala de um certo numero de fios de algodão, bastante delgados e com fraca elasticidade.

O concerto d'esse dia trouxe-me a vantagem de conhecer um joven pianista Lazare Lévy, primeiro premio do Conservatorio, que me causou viva admiracção pela excelente technica e pela grande bravura que põe ao serviço da sua arte. E' *alguem* e ouviremos fallar d'elle d'aqui a uns dez annos... se vivermos.

Tocou entre outros trechos um *Preludio e Fuga* de Bach-Liszt, um *Capricho* de Diémer e a *Legenda de S. Francisco de Paula* de Liszt.

Seguiu se um concerto de orchestra, que teve logar no Trocadero no dia seguinte, sob a direcção de Paul Taffanel.

A'parte o trabalho de Taffanel, consciencioso artista de quem o nosso jornal já se occupou, publicando-lhe alguns detalhes biographicos, pouco de notavel se produziu n'esta audição.

Por isso destacarei do programma apenas

um brilhante e fantastico scherzo de Paul Dukas, *L'Apprenti Sorcier*, que teve por parte da orchestra de Taffanel um desempenho extraordinario de precisão e de *entrain* e dois trechos religiosos do grave Cherubini, em que tanto as massas coraes como as orchestraes puzeram um primor d'estylo, uma sobriedade e uma perfeição de detalhes que faria a reputação de qualquer director de orchestra.

Mas o meu verdadeiro *clou* artistico foi incontestavelmente o concerto de 11, com a *Sociedade de Instrumentos Antigos*, organizada e superiormente dirigida pelo grande mestre que se chama Louis Diémer. Ah! todos os elementos se concatenavam para nos dar a impressão inolvidavel da grande obra d'arte, sinceramente sentida e singelamente apresentada, sem artificios de convenção, sem as artimanhas com que se pretende a mór parte das vezes arrastar, n'um impulso d'enthusiasmo idiota, o publico *baudaud*.

O programma deliciosamente escolhido, a execução um primor.

Georges Papin, violoncellista que veiu substituir um dos fundadores d'esta *Sociedade*, o infortunado Delsart, tocou um *Andante* de Locatelli e uma *Gavotte* de Gluck na *Viola da gamba*, com tal sentimento e delicadeza que suscitou um *bravo* unanime por parte dos ouvintes que enchiam a sala.

Uma *Sonata* de Ariosti (principio do seculo 18) foi a obra destinada para fazer valer a sonoridade algo sombria mas deliciosamente suggestiva da *Viola d'amor*, que Van Waefelghem, um tanto frio de natureza, mostrou conhecer a fundo.

Laurent Grillet n'um instrumento bastante ingrato, a *Sanfona*, teve momentos de grande felicidade interpretando alguns trechos de Rameau por uma forma notavel.

Com uma linda voz, cariciosa e meiga, M.^{elle} Jane Bathori deixou-me uma funda impressão quando me fez ouvir umas *Arietatas* de Scarlatti e *Dezéde* e umas *Canções* de seculos já idos, cousas empoeiradas a que os labios da gentil cantora souberam restituir o frescor e o viço.

E para o fim lhes guardo o heroe da festa, o grande Diémer que é a alma e a vida de tudo isto.

O cravo em que o prestigioso mestre se fez ouvir é um bella reconstituicção d'instrumento antigo, executada pela casa Erard; tem 2 teclados e 6 pedaes.

Mas sobre esse instrumento, de sonoridade rachitica e quasi uniforme, que deliciosas cousas nos revelou a grande alma de Luiz Diémer!

Certa *Musette* de Rameau e o *Ramage*

des oiseaux de Dandrieu e o *Reveil matin* de Couperin, a que o illustre cravista imprimiu uma graça e um encanto que os proprios auctores lhe invejariam, ficam no meu espirito como impressão inesqueciveis...

Algumas peças d'ensemble completaram o programma e compartilharam o enthusiasmo expontaneo com que tudo foi acolhido.

... E por hoje basta: no proximo numero, se houver logar nas nossas modestas 8 paginas, dir-lhes-hei alguma cousa acerca de Expositores e de Instrumentos expostos.

L.

NOTICIARIO

Do Paiz

Na curta existencia do nosso jornal marca um ponto brilhante o numero d'hoje pela bemvinda collaboração do notabilissimo artista José Vianna da Motta que apesar de viver nos grandes centros d'Arte, absorvido por multiplos labores profissionaes se não esquece que é portuguez e que póde o seu espirito, singularmente lucido, vir derramar na terra da patria um pouco d'essa luz divina que aqui tanto escasseia.

Temos a esperanza que não deixará de germinar, na gleba querida, a semente que lhe atirou o illustre professor, com a sua bella e sincera reivindicação em favor d'um Mestre, como Alkan, que em recompensa d'uma vida torturada, só teve a ingratidão e o esquecimento.

E se poucos pianistas entre nós poderão arrostar com as difficuldades technicas da obra genial d'aquelle grande vulto, haverá ao menos quem lhe saiba venerar condignamente a memoria.

*

Amanhã 1 de outubro realisa-se a abertura das aulas na Real Academia de Amadores de Musica. Por essa occasião serão distribuidos os diplomas aos alumnos que no anno findo concluíram os seus cursos.

As aulas de aperfeiçoamento de piano e violino só começarão a funcionar depois do meiado de outubro, visto acharem-se ausentes os respectivos professores, os srs Hernani Braga e Andrés Goñi.

*

O distincto violoncellista Joaquim Casella, residente no Porto, foi ali victima de um audacioso roubo. Quatro gatunos assaltaram-no de noite, quando elle passava pela Avenida Campos Henriques, em Gaya, derribando-o e ameaçando-o de morte se gri-

tasse; roubaram-lhe a corrente e relógio de oiro no valor de 130\$000 réis, e quatro centos réis em metal, deixando-o ferido e contuso.

Sentimos muito tão triste accidente.

*

Na festa a Nossa Senhora das Mercês, realisada na igreja de Jesus em 23 ultimo, executou-se uma nova missa do organista e já fecundo compositor Pedro da Costa Pereira. Foi ouvida com agrado e contém realmente periodos apreciaveis, em que se reconhece o desejo de sahir das formas banaes e a exuberancia de idéas, que talvez percam pelo excesso.

As matinas executadas na vespera foram as do mesmo compositor e já d'ellas falámos o anno passado quando se ouviram pela primeira vez.

O proprio auctor dirigiu as suas produções, mostrando optimas qualidades para director; não lhe falta firmeza, energia e sangue frio.

*

As duas mais recentes composições de Antonio Soller — «Hymne à la France» e «Marcha funebre á memoria do rei Humberto I» — acham-se publicadas para piano.

A proposito vem dizer que o nosso amigo recebeu do consul de França no Porto e do ministro da Italia em Lisboa, honrosas expressões de agradecimento mandadas transmitir pelos respectivos governos.

E ainda sobre o assumpto, é curioso saber que tendo a banda de musica da Guarda Republicana executado ultimamente n'um concerto o «Hymne à la France», illustrou o respectivo programma com a noticia de que o nosso querido compatricio e bom lisboeta é um compositor *hongrois*!

Do Estrangeiro

O chefe das bandas militares do exercito persa é o general Alfred Lemaire, que sendo simples sub-chefe de uma banda franceza passou á Persia para occupar aquelle elevado posto.

Não é porém um general como os outros, que só figure nas paradas e nas recepções palacianas; o seu cargo impõe-lhe algum trabalho. Tem de dirigir uma especie de conservatorio estabelecido em Téhéran, o qual fornece todos os musicos necessarios no exercito; organisou-o elle mesmo, adoptando um interessante methodo de ensino mutuo pela seguinte forma:

«O curso completo dos estudos abrange oito annos. O general Lemaire ensina dez alumnos que constituem a primeira classe.

Estes dez alumnos, ao fim de tres annos, tomam cada um dois novos discipulos a quem ensinam o que aprenderam; temos uma segunda classe de vinte. Esta classe, depois de estudar dois annos, incumbe-se de preparar uma terceira composta de outros vinte, que aprende os principios de musica e solfejo passando em seguida a estudar os instrumentos com os alumnos da primeira classe, ao tempo que os da segunda classe tem passado para as mãos do general.

Este, além das lições individuaes, reúne todas as manhãs no campo os alumnos que, já tocam instrumentos para os instruir praticamente não só na musica mas tambem nos deveres militares.

O governo persa faz consideraveis esforços para animar a arte musical no exercito. Paga bem aos musicos e concede-lhes as patentes que o chefe-general propõe. O diploma obtido no fim dos estudos dá direito ao grau de commandante, podendo subir todos os postos como os officiaes combatentes.

Alfred Lemaire é general de primeira classe com o titulo de *Emir Pindj*, e grande official da ordem do Leão e do Sol.

*

Diz um jornal de Roma: «Perguntam-nos se os novos soberanos de Italia estimam a musica e se, como a rainha Margarida, a rainha Helena querera ser a musa tutelar, a protectora graciosa e gentil da arte e dos artistas italianos. Podemos dar a mais satisfatoria das respostas, affirmando que o Rei e a Rainha são apaixonados amadores e praticantes da musica, como de todas as bellas artes. A arte no Quirinal continuará a ser estimada, e as mais bellas festas ali serão dadas, não só pela Rainha mas tambem pelo rei Victor, que não se aborrece no theatro nem no concerto, como succedia ao chorado rei Humberto.

Somente será necessario esperar que termine o luto de rigor.

*

Segundo informações recebidas directamente de Dinamarca, o nosso presado amigo D. Francisco Coutinho, cujo successo n'aquelle paiz tem sido brilhantissimo, teve uma vantajosa escriptura para a America, para onde partirá depois de terminada a epoca lyrica em Stockolmo.

*

A «Polyhymnia», associação de canto coral que existe em Colonia, ha-de celebrar em 1891 o seu quinquagesimo anniversario, realisando um grande concurso de sociedades coraes; para os respectivos premios tem já destinada a somma de 15:000 mar-

cos, ou seja setecentas e cincoenta libras em oiro (tres contos, trezentos e setenta e cinco mil reis, cambio ao par).

O concurso será dividido em tres secções: uma de sociedades allemãs, outra de sociedades estrangeiras e a terceira internacional. Para cada uma das duas primeiras secções haverá seis premios, e para a terceira um premio de 2:000 marcos e um objecto de arte offerecido pelo imperador.

No fim realisar-se ha um concurso internacional especialmente para sociedades que tenham pelo menos cem cantores e já tenham obtido primeiros premios n'outros certamens; para este destinam se dois premios, um de 3:000 marcos e outro de 2:000 acompanhados de objectos de arte.

*

O violinista e compositor Max Bruch, auctor do celebre concerto para violino, foi nomeado professor de composição no conservatorio de Berlim.

*

Trata-se em Paris de estabelecer a Opera popular e a Comedia popular, cujos preços de entrada sejam de tal modo baixos que possam ter a concorrência assidua das classes trabalhadoras, as quaes decerto estarão melhor no theatro do que na taberna.

Para realisação d'esta patriotica empresa abriu o jornal *Le Matin* uma subscrição publica que já attinge a somma de 284:500 francos. Os dois theatros começarão a funcionar no proximo mez de outubro, tendo por director geral o iniciador da idéa, M. Duret antigo collaborador de Albert Carré na direcção da opera comica.

A comedia será instalada no theatro *Folies dramatiques* e a opera no *Théâtre de la République*. Os preços serão comprehendidos entre o maximo de cinco francos e o minimo de cincoenta centimos.

NECROLOGIA

Suicidou-se em Weimar a violinista Arma Senkrah, que durante algum tempo foi muito applaudida em diversas cidades da Europa e da America.

Nasceu em New-York em 1864, vindo estudar no conservatorio de Paris, onde teve por mestre Charles Dancla, obtendo o primeiro premio em 1881. Emquanto foi alumna adoptou para appellido o anagramma Harkness.

Parece que o suicidio foi occasionado por uma infame *chantage* de que pretendiam fazel-a victima e que a impressionou a ponto de lhe perturbar a razão.